

poesia de bolso

**alice ruiz s e
rodolfo witzig
guttilla**

amorhumorum
haikai & senryu



(des)regrados

Muitos afirmam que a poesia não tem utilidade. Uma utilidade de ordem prática, palpável e concreta. Bobagem. Se a poesia não fosse necessária, não teria sobrevivido aos séculos.

A poesia inaugurou a humanidade em um tempo em que a linguagem e a vida andavam a par e passo: a poesia, a música, a dança e outras formas de expressar a vivência humana caminhavam juntas, para nos religar ao “espírito” e a uma dimensão sobre-humana.

Ou, ainda, mais recentemente, para despertar sentimentos, incomodar pensamentos e provocar questionamentos. Dar voz ao movimento do pensamento e do momento. A voz do contemporâneo, que ainda não se expressou, desde sempre.

A poesia tem, também, a função de desafiar a linguagem e propor um outro olhar para as coisas do dia a dia. As coisas presentes, que não capturamos na trajetória cotidiana. Quem sabe sua função não seria, justamente, nos devolver a dimensão do inaudível, do impensável e do intocável, muitas vezes perdida entre deveres e afazeres, entre perdas e ganhos? Viver, e se tudo der certo — ou errado —, seguir a jornada.

Talvez seja tudo isso e algo mais. E esse “algo mais” irá depender do poeta, do verso e de quem o lê: somente o poeta e o leitor irão compreender a grandeza do poema,

assimilá-lo e senti-lo. A palavra para definir esse mistério tremendo, se houver, é “poesia”.

Como sabemos, a vida não tem regras ou percurso previsível. Com a poesia também é assim: um de seus maiores desafios é quebrar regras, romper com a forma e a sintaxe estabelecidas; ampliar o escopo da língua e criar sentido de pertencimento para uma comunidade de leitores. Para tanto, é preciso que o poeta conheça as regras consagradas e seu ofício, profundamente. Como disse Matsuo Bashô (1644-94), um dos maiores poetas do *haiku*: “Aprenda as regras, assimile-as bem e, depois, livre-se de todas elas”.

Assim, nos sentimos muito à vontade para desafiar as regras. E nos livrarmos de algumas delas. São cerca de 120 poemas (incluídos os da abertura e do posfácio), muitos obedecendo e outros tantos desobedecendo às regras consagradas do *haikai* e do *senryu*.

Nesse *pequenogrande* volume, nossa crença na poesia e em seu poder de transformar a realidade cotidiana. Com amor, humor e rumor.

Alice Ruiz S & Rodolfo Witzig Guttilla

2016.2019

amor

nem sempre
um leque abana
às vezes acena

Alice

o leque abana
durante a semana
depois (a)cena

Rodolfo

*image
not
available*

a palmeira amarela
chegou a hora
de despedir-se dela

Rodolfo

tenho saudade de tudo
mas tudo já foi dito
inclusive isto

Alice

*image
not
available*

fevereiro
parati, marchinha
& cinzeiro

Rodolfo

me avise para onde você vai
para que eu não me perca
de mim

Alice